

19

INSPETORIA SÃO JOÃO BOSCO

MINAS — BRASIL



MORAZZONE — MILÃO

Itália — * 26-9-1888

Ponte Nova (hosp.) Minas

Brasil — † 20-11-1966

Remigio Fratini

Esta pétala de saudade é um preito de amizade sôbre a campã do querido colega, irmão e amigo.

Foi no longínquo 1906 que sob as arcadas do vetusto “Colégio São Joaquim” de Lorena nos encontramos e neste longo trajeto veio agora a morte nos separar.

O Sr. Remigio Fratini nasceu em Morazzone, província de Milão, Itália. Eram seus pais, Jerônimo Frattini e Maria Bellone. O Sr. Jerônimo veio alguns anos antes para o Brasil, em busca de trabalho para dar mais conforto à família.

Em 1895 veio a Sra. Da. Maria com os dois únicos filhos, Ernesto e Remigio.

Estabeleceram-se em Campinas, onde trabalhava o Sr. Jerônimo. Grassando aí, novamente, a febre amarela, Da. Maria foi uma das vítimas. Ficou o Sr. Jerônimo com os dois filhos, que já cursavam a escola italiana: “Circolo Italiani Uniti”. Começando a funcionar em 1897 o Liceu Nossa Senhora Auxiliadora, em 1898, o Sr. Jerônimo colocou os dois irmãos internos. O Ernesto só ficou uns meses, mas Remigio ficou três anos, quando fez aí a sua primeira comunhão. Era bem procedido e aplicado, merecendo prêmios no fim do ano.

Exercendo seu pai a profissão de pedreiro, o Remigio, no fim de 1900, saiu do colégio e foi ser servente do pai. Experimentou o ofício de marceneiro, seralheiro e o de seleiro, no qual trabalhou três anos.

Era um trabalho árduo. Não havia domingo nem dia santo, nem feriado. Continuamente levava rôlos de sola para a estação despachando-os para o interior.

Adoeceu. Restabelecido voltou para o Liceu resolvido a se fazer salesiano. Foi recebido como aspirante pelo saudoso Pe. Domingos Minguzzi. Aí fez o quinto ano elementar. No fim do ano de 1905, foi levado pelo então Clg. Fedro Massa para Lorena, onde o receberam carinhosamente o Pe. Leão Muzzarelli, diretor, o Pe. Henrique Mourão, conselheiro e o Clg. Vicente Priante, assistente, e outros que o guiaram pelo caminho reto do aspirantado. Aí fez todo o ginásio, que era de seis anos, recebendo no fim de 1909 o diploma de “Bacharel em Ciências e Letras” com os companheiros: Alcides Lanna, José Luiz Valentim e Sebastião Faria; este não seguiu a carreira. Foi o Remigio o orador da turma. Tinha pendores para a poesia e já fazia alguns versos, que nosso saudoso professor, Pe. Luiz Marcigaglia corrigia, achando que lhe faltava ainda o preparo suficiente para bem versejar. Só depois, aos 60 anos, voltou a musa a sorrir e então deixou três cadernos de poesia, das quais selecionando, formou o volume intitulado: “Flôres de um poeta jardineiro”, publicado um mês antes de sua morte. Foi o seu canto

do cisne. Em 1910, com mais catorze companheiros, sendo dois seus colegas de curso, entrou no noviciado, fazendo sua profissão religiosa a 28 de janeiro de 1911.

Era estimadíssimo pelos companheiros. De um procedimento inapontável. Tinha um pouco de escrúpulo, mas, com as troças caridosas dos colegas, conseguiu livrar-se desta doença espiritual, que constitui um verdadeiro martírio para as almas delicadas. Infelizmente na filosofia teve que interromper os estudos por motivo de saúde, resignando-se a deixar sua querida batina, que muito amava, tornando-se coadjutor.

Foi mandado em 1915 para Bagé com seu companheiro de noviciado Joaquim Fontoura, que como ele se fizera coadjutor. Aí exerceu o magistério durante cinco anos, sendo também sacristão e dispenseiro. Voltou em 1920 para o Liceu Coração de Jesus, onde era diretor, nosso grande protetor Pe. Henrique Mourão, que lhe confiou o almoxarifado. Doente e exausto, pediu para mudar de casa e o Inspetor, Pe. Cerrato, o mandou para Ascurra, lugar que não era para um doente se refazer. Lá ficou apenas um mês. Mandado para Lavrinhas, Pe. Del'Oca, o diretor, viu que o ambiente não era para ele, e advogou sua causa perante o Pe. Inspetor que o mandou para Cachoeira do Campo. Lá ficou 30 anos ininterruptos, de 1927 a 1957. Era professor de francês, de português e de desenho. Aí embalam-no de novo as musas. Começou a poetizar. Era o declamador. Nas principais festas do ano, soavam na ribalta do teatro, o "Festim de Baltazar", "A Festa e a Caridade" e outras. Quis conhecer Goiás e ficou dois anos em Silvânia, voltando passou um ano em Araxá. Eis o **Curriculum vitae** do nosso saudoso Fra Merigio, que a 20 de novembro do ano passado nos deixou para se unir aos nossos caros, junto de D. Bosco. Era um salesiano exemplar. Piedoso e cumpridor de seus deveres.

Meticuloso em tudo que lhe era confiado. Como sacristão por trinta anos, em Cachoeira, tinha o cuidado de cultivar um belíssimo jardim para nunca deixar os altares e os santos sem flores.

Como cronista era inapontável, teve a paciência de transcrever em livros adrede preparados todos os alfurábios e canhenhos que continham a história dos 70 anos do antigo educandário.

Bibliotecário escrupuloso, carimbando todos os livros que estivessem na biblioteca, tivesse ou não dedicatória de oferecimento a quem quer que fôsse. Zelava para que não se extraviasse nenhum livro tomando nota, quando eram emprestados.

Presentindo, parece, sua próxima morte, em julho fez uma visita às casas onde estivera na sua juventude ou como salesiano: Campinas, São Paulo, Lorena, Lavrinhas, etc., revendo os velhos amigos de seus primeiros anos de salesiano.

Voltando à Cachoeira começou a sentir-se mal, com dores intestinais. Difícil era a digestão. Veio a Belo Horizonte, consultou especialistas, tirou radiografias, mas não acusaram coisa grave. Foi o câncer tão insidioso que não se deixou radiografar.

A prisão de ventre e o desconhecimento da doença lhe causavam uma nervosia grande. Quis voltar a Cachoeira, não querendo tratar-se em Belo Horizonte. Lá, sentindo dores agudas, foi levado para Ponte Nova. Vendo as radiografias, resolveram os médicos operá-lo e com surpresa constataram: câncer generalizado no fígado, baço e secum.

Fecharam novamente. Foi numa sexta-feira às 21 horas. Ignorado o mal pedia sempre a Deus que o levasse Tranqüilamente e assistido carinhosamente pelas nossas irmãs do Hospital e pelo Pe. Pedro Prade, nosso ex-Inspetor, às 5 horas do domingo, dia 20 de novembro, plácida e sem extorres, entregava sua bela alma a Deus.

Trazido para Cachoeira, foi celebrada na capela, missa de corpo presente, pelo Pe. Arlindo de Freitas, que com palavras comovidas, proclamou suas virtudes.

Levado o féretro para o Arraial foi celebrada outra missa na matriz pelo seu colega, dando a absolvição o Vigário, Pe. Coutinho, ex-aluno do Ginásio Dom Bosco.

Ao descer o corpo à tumba, comovido, deu-lhe a despedida o autor destas linhas, que por sessenta anos fôra seu colega e irmão em Dom Bosco.

Lá atrás da bicentenária Matriz, no pequeno cemitério, descansa o nosso Remigio, junto dos três sacerdotes e dos quatro coadjutores, que juntos elevaram o nome do grande educandário, as Escolas D. Bosco, além das fronteiras de nosso Estado.

Era o último dos três mosqueteiros que montavam guarda no velho "Quartel dos dragões del Rei".

É a velha guarda que no campo da refrega, deixa iluminadas as clareiras. Peçamos-lhe sua intercessão junto a D. Bosco para a perseverança desta jovem vanguarda de sangue novo.

Uma prece também pelo velho irmão, que não tarda muito a dar baixa, desta valorosa falange de Dom Bosco,

